

I PARTE: Para uma perspectiva sociológica da comunicação interpessoal

1. As práticas da comunicação interpessoal à luz da imaginação sociológica

➤ **Comunicação interpessoal:**

É o tipo de interação em que estamos envolvidos de uma forma pessoal, mas também podemos estar menos envolvidos. Constitui, portanto, um tipo de interação social particular, onde estamos envolvidos de uma forma pessoal. Na forma mais intensa, a comunicação interpessoal alimenta o conhecimento pessoal mútuo e a criação de sentidos partilhados.

A forma mais pura é aquela em que estamos envolvidos de uma forma pessoal e que como tal implica sempre aumentar o conhecimento mutuo, partilhar experiências. Com amigos precisamos de falar para nos entendermos. Há uma comunhão de sentidos que nos permite conhecer melhor, a compreensão é mais facilitada. A comunicação interpessoal é o sangue que alimenta as relações significativas que há em vários contextos, familiar, escolar.

A comunicação interpessoal é central na vida quotidiana:

- Contamos que os outros se preocupem com a nossa vida e nos ajudem a resolver problemas; partilhamos com eles alegrias e pesares; às vezes, apenas queremos apenas estar com as pessoas em quem confiamos.
- Comunicamos para desenvolver as nossas identidades, estabelecer e manter relações.
- No contexto profissional, a comunicação interpessoal é igualmente importante.

Visões da comunicação interpessoal:

- Visão quantitativa: enfatiza o numérico (2 pessoas)
- Visão qualitativa: “inter”, entre, com o outro - enfatiza a relação, o que se passa entre as pessoas, vendo cada um dos envolvidos como seres únicos e individuais, ao mesmo que sublinha a sua interdependência. A comunicação interpessoal constitui, portanto, um tipo de interação social particular, onde estamos envolvidos de uma forma pessoal.

A comunicação interpessoal é:

- É seletiva, não comunicamos de uma forma íntima com todas as pessoas; faz-se uma seleção com quem comunicamos;
- É transacional, não há emissor e recetor, todos são emissores e todos são recetores simultaneamente e de forma continuada, a comunicação não é algo que se liga e desliga mas é um processo é algo contínuo. Não tem nem início nem fim, é uma relação que se vai construindo. todas as partes envolvidas comunicam, de forma simultânea e continuada. Logo, a responsabilidade pelo sucesso ou fracasso deste tipo interação é partilhada. Há simultaneamente um passado, um presente e um futuro. Comunicar e falar não são a mesma coisa, não começamos a comunicar quando começamos a falar, nem terminamos de comunicar quando paramos de falar. A forma como usamos o espaço, o corpo, o olhar também é comunicação. Já tem uma ideia uma imagem da Sic que implica que mesmo não estando a ver o canal, a sic já está a comunicar;
- É sistémica, ocorre ou faz parte de vários contextos (ou sistemas) que influenciam a forma como os indivíduos comunicam, a interação e respetivos significados. Contextos situacional, grupal, institucional, societal, cultural. Faz parte de contextos, a comunicação é influenciada pelo contexto e a atualidade;
- É processual, está sempre em curso, é contínua; evolui no tempo. Nessa medida, o passado, presente e futuro estão sempre em causa e interligados em qualquer interação deste tipo. É algo irreversível.

- É única, em relações interpessoais, que vão para lá dos papéis sociais, cada pessoa é única e, portanto, insubstituível.
- É criadora de significados, não trocamos apenas palavras; criamos e negociamos significados com o outro, à medida que vamos compreendendo o que o outro quer dizer com o que diz e com o que faz.



Satisfaz várias das nossas necessidades como seres humanos e atores sociais, localizados num tempo e espaço concretos.

Que necessidades são essas? Necessidades de sobrevivência, segurança e de proteção, pertença, autoestima, realização pessoal...

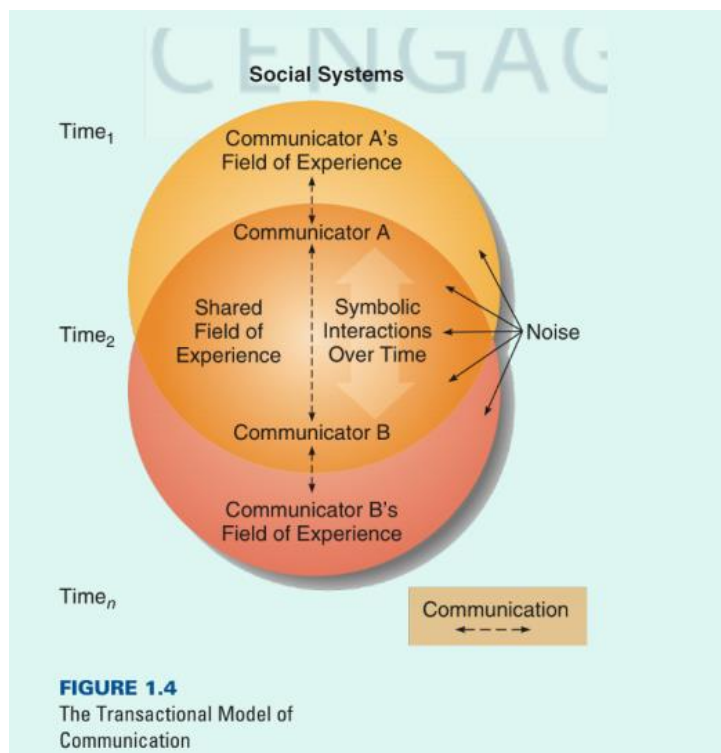
Modelo tradicional da comunicação interpessoal:

Todas as partes comunicam, contínua e simultaneamente Logo, a responsabilidade pela eficácia da comunicação ou pelo fracasso é partilhada É um processo contínuo, sem um princípio ou fim claramente distintos, irreversível, evolui no tempo, é criador de significados e inscreve-se em contextos sociais

O sucesso e o fracasso da comunicação é partilhada. Por muito boa que seja a campanha publicitária, nunca sabe se vai conseguir influenciar o público, não consegue controlar algo que é um processo. O sucesso não depende da qualidade do que é emitido, é partilhada.

É sistémica, o campo de experiência de cada um não só importa, mas também a relação que há entre a experiência individual e a estrutura social em que se desenvolve a interação. Implica a partilha de significados.

Perspetiva transaccional da comunicação, centra-se na relação entre os comunicadores, na interdependência entre os participantes da comunicação, centra-se na natureza das ações comunicativas.



Olhar sociológico sobre a comunicação interpessoal

Mesmo nas situações mais íntimas, há um terceiro ausente que é a ordem cultural institucional onde fomos criados. Gramática social e histórica que regula a interação.

No quadro de uma abordagem transaccional da comunicação interpessoal, destacam-se:

- As relações entre os comunicadores;
- A interação- “inter” - o que está entre os comunicadores;
- A natureza contextualizada ou sistémica das ações comunicativas;
- A interdependência entre todos estes elementos, ou seja, a natureza sistémica da comunicação;

Ora, a forma como nos relacionamos uns com os outros, como interagimos com eles, como conduzimos as nossas vidas, são questões centrais na sociologia, enquanto disciplina, interessada sobretudo em compreender as conexões entre o que a sociedade faz de nós e o que fazemos de nós mesmos.

Conceito habitus de Bourdieu:

Para compreender estas relações, podemos chamar aqui o conceito de habitus de Bourdieu:

“ um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas para sentir, pensar e agir, construída no processo de socialização”.

Pensar a relação entre indivíduo e sociedade com base na categoria habitus implica afirmar que o individual, o pessoal e o subjetivo são simultaneamente sociais e coletivamente orquestrados. O habitus é uma subjetividade socializada. Os habitus individuais, produtos da socialização, são constituídos em condições sociais específicas, por diferentes sistemas de disposições produzidos em condicionamentos e trajetórias diferentes, em espaços distintos como a família, a escola, o trabalho, os grupos de amigos e/ ou a cultura de massa.

Se é verdade que cada um de nós é um ser único e individual, que comunicamos como tal e que é através da comunicação interpessoal que nos conhecemos melhor a nós próprios e aos outros, também é certo que a comunicação interpessoal não é um processo livre, espontâneo ou desorganizado.

- Há toda uma ordem (social, cultural, institucional) que regula a forma como interagimos ou comunicamos com os outros, mesmo nas situações mais íntimas;
- É uma ordem de que não temos consciência, a maioria das vezes, porque já a interiorizamos, faz parte do nosso “habitus”.

Para compreendermos melhor essa ordem, para a interrogarmos de uma forma crítica, para saber por que comunicamos com os outros da forma como comunicamos, é necessário, entre outras coisas, que afastemos ideias preconcebidas e cultivemos a nossa imaginação sociológica.

Como diz Wright Mills (1959), a imaginação sociológica permite que nos surpreendamos com aquilo que quase todos já se acostumaram, e criticar verdades aceites muito facilmente.

➤ **Wright Mills e a Imaginação Sociológica**

As ciências sociais da altura estavam essencialmente viradas para satisfazer os interesses das grandes empresas. A sociologia não deveria ser um campo apenas dos sociólogos mas deveria ser algo em que todos os cidadãos deviam estar envolvidos. Sociologia não uma ciência mas um ofício artesanal, de forma a promover a mudança social.

Considerava-as uma prática apolítica que serviam interesses administrativos, e transformavam a ciência num trabalho burocrático cujo objetivo era alimentar a ideologia de uma sociedade consumista orientada para o lucro.

As ciências sociais deveriam, sim, tentar compreender os grandes problemas e assuntos sociais para promover a mudança social.

Mills considera que a sociologia deveria ser prática e deveria ser crítica e radical.

Propõe um novo paradigma de interpretação da realidade, um novo modelo de compreensão do mundo, para os sociólogos e os cidadãos em geral. À atitude hermética ou fechada da sociologia clássica, opõe a ideia da sociologia como ofício artesanal, alicerçada na imaginação do sujeito epistémico, algo que faz parte da vida, e não uma simples tarefa ou profissão.

Considera que a sociologia não é apenas tarefa dos sociólogos, mas de todos os cidadãos: é esse o apelo que faz no livro “a imaginação sociológica”.

“A imaginação sociológica” – Wright Mills

Inscribe-se numa linha de pensamento mais ampla (EUA e Europa) crítica da ideologia dominante nas Ciências Sociais e do modo do funcionamento do poder social à época (nas mãos das élites). Foi escrito como reação à apatia

política e social, ao crescimento da burocratização e do consumismo nos anos 50 do século XX. É uma chamada para a ação política.

Mills sentia que a sociedade em que vivia precisava de uma mudança radical e acreditava que o conhecimento era o motor crucial dessa mudança. “Se pudéssemos aceitar a definição grega de idiota, a maioria dos cidadãos americanos seriam idiotas”. Mills critica a sociedade norte-americana de então por encorajar os cidadãos a preocuparem-se apenas com aspetos privados da vida e alimentar a indiferença face aos assuntos públicos. Esta despolitização, segundo Mills, resulta em passividade e alienação. Como muitos perderam as suas referências e não encontraram outras, andam afastados da vida política, ou seja, da vida pública, estão simplesmente fora dela.

Mills denuncia “o culto da alienação”, como uma forma de colapso na auto-indulgência. É uma desculpa pessoal para a falta de uma vontade política. Denuncia, também, aquilo a que chama uma “perspetiva trágica da vida”. No drama há sempre uma solução, na tragédia não. A tendência dominante é esta perspetiva trágica da vida. Nos não estamos todos se calhar da mesma maneira apanhados no sistema mas que há uns que têm mais responsabilidades do que os outros quanto a situação em que vivemos, as pessoas com mais poder cujas decisões têm mais consequências.

A pessoa sente-se limitada e sentem-se limitados pela sua orbita privada em que vivem.

O que precisamos é uma qualidade de espírito que nos permita ver o que acontece no mundo e o que acontece no nosso mundo.

“A promessa”

O sentimento de estar encurralado - a apatia social e política.

“Hoje em dia, as pessoas sentem frequentemente as suas vidas privadas como uma série de armadilhas. Percebem que dentro dos mundos quotidianos não podem superar as suas preocupações, e quase sempre têm razão nesse sentimento: tudo aquilo de que as pessoas comuns têm consciência direta e tudo o que tentam fazer está limitado pelas órbitas privadas em que vivem.

A sua visão, a sua capacidade estão limitadas pelo cenário próximo: o emprego, a família, os vizinhos; em outros ambientes, movimentam-se como estranhos, e permanecem espectadores. E quanto mais consciência têm, mesmo vagamente, das ambições e ameaças que transcendem seus cenários imediatos, mais encurralados parecem sentir-se”.

Um sentimento de impotência face às mudanças sociais aceleradas

A própria evolução da história ultrapassa, hoje, a capacidade que temos de nos orientarmos pelos valores que partilhamos (...) Mesmo quando as pessoas não entram em pânico, vêem, com frequência, que as velhas maneiras de pensar e sentir entraram em colapso.

A que se deve esta sensação de impotência e apatia que dela deriva?

As pessoas não definem, habitualmente, as suas ansiedades à luz das transformações históricas e contradições institucionais. O bem-estar que desfrutam não o atribuem habitualmente aos altos e baixos das sociedades em que vivem. Raramente têm consciência da complexa ligação entre as suas vidas e o curso da história mundial; por isso, as pessoas comuns não sabem, quase sempre, o que essa ligação significa para aquilo que serão e para o papel que têm na construção da história de que fazem parte.

Não dispõem da qualidade intelectual básica para sentir o jogo que se processa entre os indivíduos e a sociedade, a biografia e a história, o eu e o mundo.

A solução para a apatia social e política

Não precisamos só de informação, não precisamos só competências racionais. O que precisamos é de uma qualidade de espírito que nos ajude a usar a informação e desenvolver o raciocínio, a fim percebermos, com lucidez, o que está a ocorrer no mundo e o que nos pode vir a acontecer. A essa qualidade poderemos chamar de imaginação sociológica.

O que é a imaginação sociológica?

Uma certa qualidade do espírito que capacita o indivíduo a ver para além da sua experiência, do que é visível, e estar consciente das forças históricas e sociais que modelam a mesma.

Uma capacidade de ver as relações entre as experiências privadas, a biografia pessoal, os dispositivos estruturais da sociedade, e o período histórico em que ocorrem essas experiências.

“Estar consciente da ideia de estrutura social e usá-la como sensibilidade... É ter imaginação sociológica”.

Estrutura social

Sistema em que as partes estão interligadas e funciona de forma harmoniosa. Estrutura- relações. Sistema-conjunto de elementos mas não visto como uma mera soma, mas a soma desses elementos mais a soma das relações que esses elementos têm entre si.

Pensar “a sociedade” através da analogia do relógio:

- Um relógio é mais do que a soma das suas peças; é a soma + modo como elas estão montadas, relacionadas entre si;
- A sociedade é + do que a soma das pessoas que estão nela; é também a forma como estão relacionadas entre si;
- Essas relações estão relativamente estabilizadas - é para essa ideia de padrão, de regularidade nas relações sociais, que aponta a ideia de estrutura. Cada peça do relógio desempenha uma determinada ação na sua estrutura.

Há sociólogos, como Talcot Parsons, criticado por Mills, que consideram que a sociedade é um sistema complexo cujas partes funcionam em conjunto para promover a solidariedade e a estabilidade.

Mas será que é assim, que as sociedades funcionam como os relógios, como todos integrados e harmoniosos? Ao contrário do relógio, não existe um criador externo da sociedade, nem alguém que define as suas finalidades.

As sociedades são criadas pelas pessoas, nas interações sociais. Como não existe um criador externo, as pessoas, os grupos, as instituições podem ter interesses diferentes e visões distintas sobre a forma como deve funcionar a sociedade.

Nesta forma de ver a sociedade, em que se destacam os conflitos de interesses entre os diferentes grupos, ganha importância a questão do poder social, as diferenças de poder.

As sociedades ocidentais capitalistas são sociedades hierarquizadas, organizadas segundo uma divisão de poderes extremamente desigual.

Quando Wright Mills fala de estrutura social está a falar de um sistema hierarquizado de poder e privilégio, determinado por relações económicas (e.g. salários), simbólicas (estatuto) ou culturais (escolarização).

Neste quadro, a posição que cada grupo ocupa na estrutura social deriva da desigual distribuição de recursos e poderes.

Imaginação sociológica:

“Estar consciente da ideia de estrutura social e usá-la como sensibilidade... É ter imaginação sociológica”. Mills está a chamar a atenção para a questão do poder social, das hierarquias sociais, assentes numa distribuição desigual de poderes; está a chamar a atenção para a situação de dominação de uns grupos sobre os outros.

“A capacidade de compreender a interseção e entre a nossa biografia individual (e outras biografias) com a história e a estrutura social em um determinado momento histórico. Essencialmente, é a compreensão do privado em termos políticos”. A capacidade de compreender que o “PESSOAL É POLÍTICO”.

Exemplo: “A promessa” em Imaginação sociológica

Consideremos o desemprego. Quando, numa cidade de cem mil habitantes, somente um homem está desempregado, isso é um problema pessoal, e para sua solução examinamos adequadamente o caráter do homem, suas habilidades e suas oportunidades imediatas. Mas quando numa nação de 50 milhões de empregados, 15 milhões de homens não encontram trabalho, isso é uma questão pública, e não podemos esperar a sua solução dentro da escala de oportunidades abertas às pessoas individualmente. Consideremos a guerra. O problema pessoal da guerra, quando ela ocorre, pode ser sobreviver ou morrer com honra; ganhar dinheiro com ela. Mas as questões estruturais da guerra relacionam-se com suas causas; com que tipos de homens ela eleva ao comando; com os seus efeitos sobre as instituições económicas, políticas, familiares e religiosas; com a irresponsabilidade desorganizada de um mundo de Estados-nações.

O que exige a Imaginação sociológica?

A capacidade de mudar de uma perspectiva para outra, passar do político para o psicológico, do social para o individual, por exemplo, da análise de uma família particular para uma avaliação de orçamentos nacionais.

- Uma forma de auto-consciência que implica estar consciente da relatividade social e do poder transformador da história;
- A capacidade de nos apercebermos dos significados sociais e históricos do que se passa no mundo, do que nos acontece, do que fazemos, enquanto lugares de interseção entre a biografia e a história dentro da sociedade;
- A capacidade de ver as relações entre as nossas experiências privadas, a nossa auto-imagem, os papéis que desempenhamos na sociedade, as dificuldades pessoais que vivemos, o nosso destino pessoal e os dispositivos estruturais da sociedade, bem como o período histórico em que vivemos.

A imaginação sociológica exige um elo entre biografias pessoais e história:

- "o mal estar pessoal (personal troubles) tem a ver com a individualidade e está ligado ao meio social mais próximo do indivíduo"; são assuntos privados;
- "as questões públicas (public issues): transcendem a esfera de influência individual. Têm a ver com a organização da sociedade; resultam de problemas que atravessam as sociedades, como a desigualdade social, económica, a pobreza estrutural.

A imaginação sociológica exige que compreendamos as relações entre estas duas dimensões; mais do que isso, exige que tornemos essas relações evidentes.

Compreender as relações que há entre perturbações pessoais:

- Ocorrem ao nível individual;
- Ligados à experiência individual e ao ambiente imediato, local;
- Formulação e resolução permanece no indivíduo e no contexto social aberto diretamente à experiência individual.

... e questões públicas:

- Transcendem a vida interior do indivíduo e o local;
- Têm a ver com o funcionamento das instituições de um sociedade num determinado momento histórico. Ameaçam valores públicos;
- Afetam a vida quotidiana do indivíduo ao modelar a estrutura e o funcionamento das instituições económicas e políticas na sociedade.

Tarefa e promessa da imaginação sociológica

A imaginação sociológica capacita-nos a compreender o cenário histórico mais amplo em termos do seu significado para a nossa vida íntima e para a nossa vida pública. O primeiro fruto dessa imaginação é a ideia de que o indivíduo só

pode compreender a sua própria experiência e avaliar o seu próprio destino localizando-se dentro do seu período; só pode conhecer as suas possibilidades na vida tomando-se consciente das possibilidades de todas as pessoas nas mesmas circunstâncias em que ele. Sob muitos aspectos, é uma lição terrível; sob muitos outros, magnífica.

Ficamos, a saber que todo indivíduo vive, de uma geração até a seguinte, numa determinada sociedade; que vive uma biografia, dentro de uma sequência histórica. E, pelo fato de viver, contribui, por menos que seja, para o condicionamento dessa sociedade e para o curso de sua história, ao mesmo tempo em que é condicionado pela sociedade e pelo seu processo histórico. A imaginação sociológica permite-nos compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade. Essa é a sua tarefa e a sua promessa.

Se tivermos consciência disto, tornamo-nos agentes de mudança. Em vez de estarmos submetidos ao puramente subjetivo, ou a uma realidade independente, cultivando a imaginação sociológica cada um de nós pode ter um papel ativo na modelação da dinâmica social.

Vantagens da imaginação sociológica

Permite compreender os aspetos coletivos da vida de cada um, ou seja, as relações entre o indivíduo, o meio social do qual faz parte e o momento histórico em que vive.

- Permite compreender que as nossas ações influenciam e são influenciadas pela dinâmica da sociedade, o que nos permite olhar além da restrita esfera da vida privada;
- Ajuda a avaliar as oportunidades e constrangimentos nas nossas ações.

Encoraja a ver a individualidade no contexto social.

- Reforça a capacidade de sermos participantes ativos na sociedade, uma vez que nos permite relacionar o mal estar pessoal com problemas partilhados por todos, transformando a indiferença em envolvimento;
- Ser livre para questionar o mundo e para o ver de uma forma diferente;
- Sair do conforto das certezas, das evidências do “mundo dado como certo”. Pode ser comparada a um “choque cultural” mas sem a deslocalização geográfica;
- Um cepticismo saudável: nem cinismo, nem descrença rígida.

Imaginação sociológica

Não é apenas de informação que precisamos; não precisamos apenas de competências racionais; não precisamos de dominar apenas as técnicas.

O que precisamos, R.P, jornalistas, professores, artistas e públicos, cientistas e editores, criativos e “accounts” é de desenvolver uma certa qualidade de espírito que pode ser chamada “Imaginação sociológica”.

Comunicação interpessoal no quotidiano:

É uma experiência banal, mundana e comum. Tentar desfamiliarizar o que nos é familiar.

Se é verdade que a maioria de nós partilha as mesmas experiências quotidianas, as rotinas e atividades de cada um de nós são estruturadas pela posição social que ocupamos, pelas culturas com que nos identificamos e pelo momento histórico em que vivemos.

Condições sociais: a nossa classe social, género, idade, etnicidade, profissão, religião... (ligadas ao acesso a recursos socialmente valorizados – capital económico, capital cultural, capital simbólico).

Condições culturais: modos específicos de pensar e agir, visões do mundo através das quais damos sentido às nossas experiências quotidianas e as compreendemos o mundo da vida de cada um de nós é composto pela interseção das forças culturais dos diferentes grupos em nos inscrevemos, e é estruturado pelos diferentes contextos sociais em que operamos.

Condições históricas:

- as sociedades ocidentais contemporâneas estão marcadas por tensões entre regulação, certeza, controle, por um lado, e movimento, mudança, incerteza, por outro;
- Profundamente racionalizadas e burocratizadas, como nos mostra Max Weber e Simmel, onde se espera que cada um de nós aja de uma forma previsível, seguindo modelos socialmente definidos: a força dos papéis burocráticos (e regras subjacentes), da profissionalização;
- mesmo as nossas respostas emocionais podem ser comandadas, exigidas e impostas pelas regras burocráticas e princípios racionais; imperativos racionais: ordem, eficiência;
- Subordinadas à lógica do dinheiro, seja, dos custos-benefícios, do cálculo;
- Individualistas: face às forças impessoais de uma sociedade racionalizada e burocratizada, adoção de um “estilo pessoal” (idiossincrático, mas também comum) para expressarmos do que consideramos ser o nosso verdadeiro eu;
- Fim das grandes narrativas, das certezas, dos fundamentos seguros, das identidades seguras.

Mas a verdade é que nós só funcionamos no cotidiano se tivermos um certo grau de certeza e de estabilidade face ao mundo. Na maioria das vezes vivemos no nosso “mundo da vida” como peixes dentro de água. Parece-nos tão natural que em geral o experimentamos como sendo o “modo como as coisas são”, como sendo natural. Quando repetidas muitas vezes, as coisas tendem a tornarem-se familiares, e as coisas familiares tendem a ser autoexplicativas, não apresentam qualquer problema nem despertam nenhuma curiosidade. O fato das pessoas dentro de uma sociedade aprenderem a aceitar normas, valores e papéis sociais, sem jamais os questionarem, é chamado em termos sociológicos “socialização”.

Para um olhar sociológico

Encontrando-se com esse mundo familiar governado por hábitos e crenças, a sociologia age como um estranho intrometido e muitas vezes irritante. Faz perguntas que nenhum dos envolvidos se lembraria de fazer, ou sequer responder. Essas perguntas transformam coisas que eram evidentes em quebra-cabeças - desfamiliarizar o familiar.

Epoché (Husserl):

- Recusa em aceitar a evidência empírica de “uma atitude natural”;
- Colocar entre parêntesis tudo o que nos é exterior, mesmo as outras pessoas, e nós próprios;
- Suspensão do “já dado”, do que “é tido como certo”.
- Oposto da “atitude natural”, de uma “aceitação tácita do mundo”.
- Desenvolver um novo olhar, uma outra forma de ver o mundo e a nós próprios.

A capacidade para compreender

Como a história e a estrutura social se encontram em determinado momento em cada um de nós, na nossa biografia, no nosso dia à dia, nas nossas práticas.

Compreender, em suma, o privado em termos políticos, situando a experiência individual e o percurso pessoal no momento histórico em que se vive; compreendendo as oportunidades e limitações que cada um tem na vida, à luz das vidas por todos os outros indivíduos nas mesmas circunstâncias.

Ter imaginação sociológica

É ter a capacidade de compreender como a nossa biografia individual se entrelaça com as dos outros que ocupam posições sociais semelhantes e vivem no mesmo período histórico. É ter a capacidade de ver o social no individual, o geral no particular. Ter consciência da interdependência entre o nós social e o eu individual.

É ter consciência que a experiência individual é sempre o que é porque ocorre uma transação entre o indivíduo e o contexto em que ele está e que estes contextos (sociais, culturais, históricos) são modelados por instituições e grupos poderosos, ou seja, são profundamente marcados por relações de poder, mais ou menos desiguais.

Da utilidade da imaginação sociológica

Pode fornecer auto-esclarecimento, uma maior autocompreensão. Pode contribuir para uma cidadania ativa.

Em vez de estarmos submetidos ao puramente subjetivo, ou a uma realidade vista como independente ou exterior a nós, cultivando a imaginação sociológica cada um de nós pode ter um papel ativo na modelação da dinâmica social.

Como diz Mills, as “perturbações pessoais” dos indivíduos e a indiferença dos públicos pode ser transformada em envolvimento com “assuntos públicos”.

Quanto mais sabemos porque agimos como agimos e como se dá o completo funcionamento de nossa sociedade, mais provavelmente seremos capazes de influenciar os nossos próprios futuros (Giddens, 2005) e maior será a nossa responsabilidade.

Comunicação interpessoal à luz da imaginação sociológica

É um fenómeno social e cultural, estruturado e estruturante, e não apenas um fenómeno individual ou interpessoal.

Na vida quotidiana, envolvemo-nos em várias situações de comunicação interpessoal, mais ou menos formais (na escola, no trabalho, na família, em espaços públicos).

O evento comunicativo que ocorre nessas situação – “eu e tu, no aqui e agora”, o que se passa nessa interação particular, a forma como se desenrola, é com certeza singular, específica e única, irrepitível.

É um fenómeno social e cultural, estruturado e estruturante, e não apenas um fenómeno individual ou interpessoal. Mas não estará também padronizado, não estará ligado ao que os outros fazem em situações similares, estendendo-se, portanto, para além dos limites imediatos ou visíveis desse evento comunicativo singular?

Por, exemplo, a aula de sociologia da semana passada foi única, singular, irrepitível, mas também foi uma concretização de práticas sociais, institucionais e culturais específicas: “dar/estar numa aula do ensino universitário”. O modo como cada um de nós comunica ou age em eventos comunicativos concretos não depende simplesmente de mecanismos individuais, mas também expressa as ordens institucionais ou sociais que regulam a interação comunicativa em causa e estruturas sociais mais vastas, resultantes de dinâmicas históricas particulares.

O que devemos levar em conta:

- Questões de poder e autoridade, relacionadas com filiações institucionais, pertenças de grupo – (classe social, género, idade, nacionalidade, etc.) – dos participantes;
- Papéis sociais, estatutos, normas, rituais- modos específicos de pensar, avaliar, agir, falar, sentir específicos da situação de comunicação em causa.
- Circunstâncias sociais, culturais e históricas mais vastas.

A forma como usamos o nosso corpo e como pensamos e avaliamos usos expressa: as normas culturais dos grupos com que nos identificamos; (note-se o risco de condenação social caso haja desvio). Em situações formais de comunicação, também expressa normas institucionais e faz parte de rituais.

Os participantes nos eventos comunicativos são vistos não apenas como pessoas singulares, mas também como atores sociais inseridos em grupos (mulheres/homens; jovens/velhos; médico/paciente, professor/aluno, etc.), instituições (família, escola, medicina, etc.), em sociedades e culturas particulares e circunstâncias históricas específicas.

Enquanto tal, fazem escolhas singulares, só que essas escolhas não acontecem por acaso, nem são livres: por um lado, são estrangidas por fatores situacionais, sociais, históricos, culturais e económicos; por outro lado, são tornadas possíveis por esses mesmos fatores.

Os comunicadores são indivíduos singulares, mas também atores sociais. Não são meros robots. Tem “agency” ou agenciamento. O que é que isto significa? Os comunicadores não são completamente determinados nem pela estrutura social, nem pela história, apesar de agirem sempre dentro da estrutura social que ajudam a criar, como refere Mills. Tendo algum grau de controlo, dispõem, portanto, da possibilidade de agir de outra forma, embora este grau de liberdade seja variável - aqui entra a questão de desigualdade de poder - e os atores possam sentir o contrário. Com esta possibilidade, vem a responsabilidade.

Certo é que cultivar a imaginação sociológica nos poderá abrir caminhos.

2. As práticas da comunicação interpessoal e a construção social da realidade quotidiana

➤ **Berger e Luckman- A construção social da realidade**

Tese principal de Berger & Luckmann

A realidade social não é um facto social em si mesmo. É construída nas práticas quotidianas, em especial nas práticas de conversação.. A ordem social não deve ser vista como algo que se impõe aos atores a partir do exterior. Resulta de um processo continuado, de uma produção continuamente feita e refeita in situ pelas práticas comunicativas interpessoais. Isto conduz a uma permanente redefinição e renegociação das regras, normas, significados e símbolos sociais (que podem, inclusivamente, ser contestados).

Inspiração compreensiva de Berger & Luckmann

Berger e Luckman inspiraram-se em:

- Durkheim que nos diz: “A primeira regra e a mais fundamental é: considerar os fatos sociais como coisas”;
- Max Weber que observa: “Tanto para a sociologia no sentido atual, quanto para a história, o objeto de conhecimento é o complexo dos significados subjetivos da ação”.

Estes dois enunciados (Durkheim e Max Weber) não são contraditórios. É precisamente o duplo carácter da sociedade, a sua factualidade objetiva e o seu significado subjetivo que importa compreender.

Abordagem construcionista social

O ponto de vista tradicional do ocidente é que a realidade e o conhecimento do mundo são independentes dos processos humanos e totalmente fundamentados em eventos autónomos e independentes. Sob o construcionismo social, as pessoas criam a realidade - o mundo que acreditam existir - ou seja, realçam a forma comocada um de nós constrói o mundo real, com base:

- nas suas experiências pessoais;
- em conhecimentos adquiridos através das interações sociais, incluindo nas práticas de comunicação. Através dessas experiências e interações, vamos criando, em conjunto, uma forma de ver o mundo de uma maneira específica. Os construcionistas sociais procuram entender o processo pelo qual o acordo é construído e as forças e condições que influenciam esse processo.

Cada um constrói a realidade social, através de conversas do quotidiano. Aquilo a que chamamos realidade é construído por nós. A ordem social não é algo exterior a nós, mas sim através do significado que atribuímos às coisas que reproduzimos essa ordem. Os factos sociais não existem independentes dos significados que atribuímos, sendo

que estes só surgem depois de lhe atribuirmos significado. Exemplo: a morte é um facto, mas é vista de maneira diferente por um ateu e um cristão. Logo, o modo como eu ajo em relação a ela também é diferente.

A dualidade da realidade social: objetiva e subjetiva

Dimensão objetiva:

- embora produzida pela ação social, a realidade social aparece ao indivíduo como estando separada dele, como algo independente, exterior a ele. Ex: existência de Deus, a partir do momento que eu acredito que Deus existe, isto torna-se realidade objetiva para mim.

Dimensão subjetiva:

- a realidade social é interiorizada durante o processo de socialização e reproduzida nas interações quotidianas, na rotina do dia à dia, onde fazemos as coisas sempre da mesma maneira, isto é, cumprimos rituais, mas também onde somos capazes de lidar com o imprevisto, com os acontecimentos.

Somos os criadores da realidade social que partilhamos com os outros. Mas também somos criaturas dessa realidade, já que rapidamente nos tornamos prisioneiros dessa realidade, reificando-a. Criamos a nossa realidade e ao mesmo tempo somos criadores por ela, uma vez que começamos a agir de acordo com ela “Somos prisioneiros do mundo que criamos”.

O papel dos seres humanos na construção social da realidade

A teoria da construção social da realidade reconhece três tipos de realidade:

- realidade experienciada, primeira fonte de conhecimento; o mundo diretamente experimentado - todos os eventos vividos. O conhecimento assim adquirido é relativamente limitado, mas tem uma poderosa influência na realidade construída de um indivíduo. É diferente de pessoa para pessoa, tem um peso muito grande na construída por cada um.
- realidade simbólica, resulta do conhecimento que adquirimos através de outras pessoas significativas (colegas, família e amigos) – nas conversas do quotidiano; outros grupos e instituições sociais (escolas, sindicatos, igrejas, agências governamentais); e os média. Todos os eventos que não testemunhamos, mas acreditamos que ocorreram, todos os fatos sobre o mundo que não vivemos pessoalmente, mas acreditamos serem verdadeiros, todas as coisas que acreditamos existir, mas não vimos, compõem a realidade simbólica de cada um de nós. Conhecimento adquirido através de outras pessoas/grupos/média. Não testemunhamos mas acreditamos que ocorreram.
- realidade socialmente construída, resulta de uma mistura de informação resultante do mundo experienciado e do mundo simbólico. O conhecimento social que cada um de nós partilha. É a partir dessa mistura que cada um de nós constrói seu próprio “mundo”. A realidade socialmente construída resultante é percebida como o mundo “real” de cada indivíduo – o mundo em que acreditamos. É o ponto de vista e modo como interajo com os outros. A maneira como lemos a mesma notícia é diferente e resulta de uma realidade simbólica porque foi-me contada por alguém. No entanto eu vou atribuir um significado à notícia que outras não farão devido à minha experiência social.

Essa realidade subjetiva difere até certo ponto entre os indivíduos porque variam as suas realidades experienciadas e variam as suas realidades simbólicas. No entanto, indivíduos com acesso a conhecimentos semelhantes e que frequentemente interagem entre si tendem a negociar e construir realidades sociais semelhantes. Por isso se consideram membros de um grupo, ou de uma cultura comum. O resultado final é uma realidade subjetiva socialmente construída que direciona as práticas de cada um de nós, incluindo as da comunicação interpessoal.

A importância da intersubjetividade na construção social da realidade

“A realidade da vida cotidiana apresenta-se como um mundo intersubjetivo. Esta intersubjetividade estabelece uma assinalável diferença entre a vida cotidiana e outras realidades das quais tenho consciência. Na realidade não posso existir na vida cotidiana sem interagir e comunicar continuamente com os outros (Berger & Luckman)”.

É um mundo que em que eu participo juntamente com os outros. Vivo com os outros uma vida comum, embora possa ter uma perspectiva diferente da deles.

E o que é a intersubjetividade?

É uma forma de ser com o outro. Não há uma linha clara de demarcação entre o eu e o outro, pois o nosso eu só existe apenas em relação aos eus dos outros membros dos grupos com os quais nos identificamos. A forma do ser-no-mundo como auto-expressão do sujeito implica necessariamente a forma de ser-com-o-outro que é, justamente, a forma da relação intersubjetiva.

Naturalmente não somos apenas o que é comum a todos; cada eu individual é diferente do outro, mas tem que haver essa estrutura comum para nos sentirmos parte de uma comunidade ou cultura.

A intersubjetividade é a ponte entre a nossa subjetividade e a dos outros, influenciando-nos mutuamente. A minha subjetividade só existe quando comparada com a de outra pessoa. Ex: uma criança só tem noção de si como ser quando olha para o espelho e se reconhece como alguém diferente dos outros.

O papel do senso comum na construção social da realidade, da vida cotidiana

O conhecimento do senso comum é o tecido de significados partilhados sem o qual nenhuma sociedade “existe”. É comum não por ser banal, mas porque é um conhecimento compartilhado entre os atores sociais. Sem significado compartilhado, não há interação.

O conhecimento do senso comum não é constituído apenas de significados; nem apenas uma coleção de significados compartilhados; decorre da partilha, entre atores, de um mesmo método de produção de significados.

Portanto, os significados que integram o senso comum são reinventados continuamente na interação cotidiana, ao invés de serem continuamente copiados.

O senso comum são significados partilhados sem o qual nenhuma sociedade existe. É ele que permite as práticas sociais.

O senso comum fornece:

- **esquemas tipificadores** dos outros (estereótipos), dos acontecimentos, das experiências e das situações (guiões) que delimitam um horizonte de expectativas sobre como se portar junto ao outro no interior de determinadas circunstâncias. Esquemas metalinguísticos que nos fazem reconhecer uma situação e agir em função dela. Em face de cada nova situação, o ator agirá do mesmo modo partindo do princípio de que as coisas se apresentarão idênticas àquelas que se apresentaram da última vez e que, do mesmo modo, os efeitos obtidos por ações idênticas serão, também eles, idênticos.
- **receitas** fundadas na experiência para “interpretar o mundo social e para lidar com pessoas e coisas, de forma a obter em cada situação, os melhores resultados possíveis com o mínimo esforço, evitando consequências indesejáveis.”. Nesta disposição, agir racionalmente, envolve frequentemente aplicações mecânicas de precedentes. As receitas fundadas na experiência orientam as nossas interações quotidianas;
- **normas** que regulam ou controlam as manifestações da vida cotidiana, incluindo as práticas de comunicação face-a-face, nas suas diversas vertentes. Regulam a forma de agir.

Ao cristalizarem a experiência, os esquemas tipificadores, as receitas e normas permitem conferir estabilidade à vida social, permitem aos atores «agir como sempre» em face de circunstâncias idênticas, tipificando os acontecimentos, os outros e as situações, com recurso a um conjunto de conhecimentos pré-adquiridos. Esses

conhecimentos, interiorizados ao longo do processo de socialização, são aquilo a que Berger & Luckman chamam o senso comum.

Fornecer normas que regulam ou controlam as manifestações da vida quotidiana, incluindo as práticas de comunicação face-a-face, nas suas diversas vertentes. Pode assemelhar-se a um feixe de luz que projeta um caminho e nos permite ver um pouco do que está à nossa frente e à volta, deixando o resto escuro. O senso comum é seletivo, tem a sua estrutura de importância, valoriza e desvaloriza, simultaneamente. O senso comum está socialmente distribuído, ou seja, nem todos partilham o mesmo grau de conhecimento.

A linguagem como repositório do senso comum

Berger e Luckman defendem que a linguagem é a base e também o instrumento principal da construção social da realidade. A linguagem funciona como um repositório do senso comum e como meio através do qual o mesmo é reconstruído de forma contínua.

A linguagem objetiva o mundo transformando o caos da experiência numa ordem coerente. No estabelecimento desta ordem, a linguagem realiza um mundo, no duplo sentido de apreendê-lo e produzi-lo. É um instrumento que nos permite objetivar os processos subjetivos em situações de face a face, tornando mais real a minha subjetividade para mim e para o outro. Permite-nos objetivar experiências, tipificar os outros, tipificar situações, dar-lhes uma ordem, um determinado sentido e atribuir significados particulares a comportamentos habituais.

Simultaneamente, impõe-se como algo de externo, que nos força a entrar nos seus padrões: – Somos falados mais do que falamos; fala quem pode, e não quem quer. Tem a capacidade de comunicar significados que não são expressão direta da subjetividade e do “aqui e agora”; Funciona como um repositório objetivo de conhecimento transmitido de geração para geração, do conhecimento do senso comum. Por meio da linguagem, o mundo inteiro pode ser atualizado em qualquer momento, mesmo quando estou a falar comigo mesmo, tornando presente os ausentes.

A estrutura de uma determinada língua corresponde a uma determinada maneira de interpretar e classificar a realidade. Oferece apenas uma versão entre outras da realidade. Várias versões da realidade são o resultado de diferentes línguas, ou comunidades linguísticas. Sob essa base linguística, estão modelos interpretativos, normas, visões do mundo, representações socialmente partilhadas. Ao aprendermos uma língua, não só estamos a aprender a ver a realidade de um determinada maneira, como estamos também a aprender agir de determinada forma, e não de outra, interiorizando assim normas de comportamento.

A linguagem como instrumento da construção social da realidade

A linguagem transporta com ela o conhecimento social, mas é também um instrumento de ação e, como tal, é constantemente usada em situações de interação concretas e em processos contingentes. A comunicação interpessoal é, então, um processo de produção e de mediação do conhecimento social, no qual é crucial a produção e reprodução das estruturas sociais. As conversas quotidianas, sendo uma forma particular de comunicação interpessoal, são vistas por Berger e Luckman, como essenciais neste processo.

➤ A comunicação interpessoal à luz de Stuart Mills

A capacidade de compreender:

- a interseção entre a biografia individual e outras biografias;
- como a história e a estrutura social se encontram em determinado momento em cada um de nós.

Compreender em suma o privado em termos políticos:

- situando a experiência individual e o percurso pessoal no momento histórico em que se vive; compreendendo as oportunidades que cada um tem na vida à luz das vidas por todos os outros indivíduos nas mesmas circunstâncias.

É um fenómeno social e cultural, estruturado e estruturante, e não apenas um fenómeno individual ou interpessoal.

- Os participantes nos eventos comunicativos são vistos não apenas como pessoas singulares, mas também como atores sociais inseridos em grupos (mulheres/homens; jovens/velhos; médico/paciente, professor/aluno, etc.), instituições (família, escola, medicina, etc.), em sociedades e culturas particulares e circunstâncias históricas específicas.
- Escolhas são potenciadas e constringidas por isso.

É um fenómeno social e cultural, estruturado e estruturante.

- Estruturado: as hierarquias sociais e institucionais estão inscritas nas interações comunicativas do dia à dia,
- Estruturante: Os comunicadores não são completamente determinados nem pela estrutura social, nem pela história, apesar de agirem sempre dentro da estrutura social que ajudam a criar, como refere Mills. Tendo algum grau de controlo, dispõem, portanto, da possibilidade de agir de outra forma, embora este grau de liberdade seja variável - aqui entre a questão de desigualdade de poder - e os atores possam sentir o contrário.

Tal significa que as práticas de comunicação interpessoal podem ser um dos caminhos usados para transformar situações que são entendidas como “perturbações pessoais” em “problemas públicos”.

A comunicação interpessoal à luz de Berger & Luckmann

1ª A comunicação interpessoal não é apenas um fenómeno social. Ela é a base de toda a interação social e, como tal, daquilo a que chamamos “a sociedade”. Porquê?

- Através da comunicação interpessoal, nomeadamente, através das conversas do dia-a-dia, construímos o conhecimento do senso comum que constitui o tecido de significados partilhados, sem o qual nenhuma sociedade existe e a comunicação não seria possível.

- O conhecimento individual, as assunções e expectativas não são por isso só individuais; são construções pessoais e únicas mas também são construções sociais.

- Fazem parte do “conhecimento do senso comum”, como sublinham Berger e Luckmann, e são reconstruídas através da comunicação.

- A realidade social não é um facto social em si mesmo, mas algo produzido nas práticas quotidianas, em especial nas práticas de conversação, uma vez que é aí que negociamos os sentidos que atribuímos às coisas, ao mundo, aos outros. Isto significa dizer que “Não há propriamente sociedade feita, mas antes o fazer-se sociedade”.

- A ordem social não deve ser vista como algo que se impõe aos atores a partir do exterior, mas como um processo continuado, uma produção continuamente feita e refeita in situ pelas práticas comunicativas interpessoais, o que conduz a uma permanente redefinição e renegociação das regras, normas, significados e símbolos sociais (que podem, inclusivamente, ser contestados).

2ª A comunicação interpessoal pressupõe intersubjectividade, isto é, orientação para o outro:

- É com os outros que eu aprendo “o que é normal” , em particular, com os outros que estão mais próximos de mim, os que me educaram, aqueles com que eu cresci e vivo. Eu sei que há uma correspondência entre os meus significados e os significados que os outros dão ao mundo, que partilhamos um conhecimento de senso comum sobre a realidade. Todas as minhas expressões se orientam na direção do outro e vice-versa.

- Mas é importante enfatizar a questão do poder: nessa negociação há uns que podem mais do que outros – por isso importa perguntar quem tem o poder de definir mais legitimamente o que está acontecendo ou, numa dimensão mais individual ainda, o que alguém ou alguma coisa é. Portanto, as hierarquias sociais reproduzem-se in situ.

3º A comunicação interpessoal obedece a padrões ou esquemas

• Os esquemas de situação, que fazem parte do senso comum, indicam como interagir com o outro, tornando coerente uma cadeia de sentidos e um vocabulário de motivos. Isto quer dizer que os episódios de comunicação interpessoal ocorrem sempre num tipo convencional de conversação, associado a um horizonte de possibilidades específico. Tal contribui para criar padrões de comportamento e de relações sociais.

• A comunicação interpessoal obedece a padrões ou esquemas convencionais de interação, mas é também negociada, ou seja, feita de escolhas e de adaptação mútua entre os participantes e sempre, de uma forma mais visível ou invisível, permeada por relações de poder. Portanto, tem um papel importante na construção social da realidade.

Concluindo:

O modo como comunicamos nas situações do quotidiano tem um papel crucial no processo de construção social da realidade - é por esta via que, com os outros e de uma forma negociada, vamos dando sentido ao mundo, às coisas, aos outros, a nós mesmos e às relações que mantemos com os outros. - Nesse processo de atribuição e negociação de significados, intervêm elementos que fazem parte do “conhecimento do senso comum” (normas, esquemas, tipificações) – um conhecimento que funciona como um guia que nos orienta e que vai sendo reconstruído em cada evento comunicativo. - É através da linguagem verbal que esse conhecimento de senso comum circula. Assim ao usarmos a linguagem numa qualquer interação, não estamos apenas a falar- estamos a reproduzir no aqui e agora a ordem e a visão do mundo que integra o senso comum dos grupos ou culturas de que fazemos parte.

➤ **Leituras:**

The Sociological Imagination: Chapter 1 : The Promise – Mills

O que as pessoas comuns estão diretamente conscientes e o que tentam fazer é delimitado pelas órbitas privadas em que vivem; Suas visões e seus poderes estão limitados a cenas de trabalho, família, bairro; De outras maneiras, eles se movem vicariamente e permanecem transeuntes.

E quanto mais conscientes se tornam, por mais vagas que sejam, ambições e ameaças que transcendem seus locais imediatos, mais presos parecem sentir

O bem-estar que eles gostam, eles geralmente não imputam aos altos e baixos das sociedades em que vivem

Raramente conscientes da intrincada conexão entre os padrões de suas próprias vidas e o curso da história mundial, as pessoas comuns geralmente não sabem o que essa conexão significa para os tipos de pessoas que estão se tornando e para os tipos de história na qual eles podem participar.

Eles não podem lidar com seus problemas pessoais de forma a controlar as transformações estruturais que geralmente estão por trás deles.

Em defesa da individualidade - tornam-se moralmente insensíveis, tentando permanecer completamente particulares. Não é de admirar que elas sejam possuídas pelo senso da armadilha. a imaginação social permite que ele leve em conta a forma como os indivíduos, na confusão de sua experiência diária, muitas vezes tornam-se falsamente conscientes de suas posições sociais.

A imaginação sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre os dois dentro da sociedade. Essa é a sua tarefa e a sua promessa.

Nenhum estudo social que não volte aos problemas da biografia, da história e das suas interseções dentro de uma sociedade completou sua jornada intelectual.

A Construção Social da Realidade - Berger e Luckman

1 – A Realidade da Vida Quotidiana

A vida quotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido

Formando um mundo coerente através das suas ações. Para esclarecer os fundamentos do conhecimento da vida fala-se em Análise Fenomenológica.

O mundo apresenta-se através de múltiplas realidades.

Mudamos de realidade e dá-se um “choque”, como por exemplo o acordar de um sonho.

Sendo assim, apreendemos a realidade da vida quotidiana como uma realidade predominante, realidade ordenada, onde os fenómenos estão dispostos em padrões. Esta apresenta-se objetivada.

A realidade quotidiana gira em torno do aqui e agora, embora abranja também fenómenos que não estão aqui e agora, revelando diferentes graus de aproximação e distância.

A realidade quotidiana apresenta-se então como um mundo intersubjetivo, na medida em que o partilho com os outros, o que permite diferenciar a vida quotidiana de outras realidades.

A vida quotidiana apresenta-se também através de rotinas, situações contínuas na nossa vida. Quando essa rotina segue continuamente sem interrupções, estamos perante situações não-problemáticas. Assim que vemos essa rotina quebrada por algum acontecimento que não pertence à nossa rotina, então estamos perante uma situação problemática.

Em relação à vida quotidiana, esta encontra-se estruturada espacial e temporalmente.

A temporalidade é algo intrínseco da consciência:

- Existe sempre uma ordem
- Existe sempre um padrão de tempo
- É algo complexo porque os diferentes níveis de temporalidade devem estar correlacionados
- O tempo já existe antes de nascer e vai existir depois de morrer
- Não posso inverter a ordem das coisas

2 – A Interação Social na Vida Quotidiana

A realidade da vida quotidiana é partilhada com os outros

A mais importante experiência ocorre face a face, sendo este o caso prototípico da interação social. Isto porque a situação face a face é vivida pelas duas pessoas, no mesmo aqui e agora.

Relações face a face são flexíveis, ou seja, é difícil impor padrões, no entanto, apresentam-se padronizadas dentro da vida quotidiana.

Neste sentido, percebemos que existem esquemas tipificadores que ditam os comportamentos da conversa. É através deles que lidamos e apreendemos os outros. Todas estas tipificações afetam a minha interação com o outro.

Os esquemas são recíprocos e podem ser reformulados e negociados durante a conversa.

As tipificações da interação social vão tornando-se anónimas à medida que se afastam da situação face a face.

Exemplo: conheço uma pessoa inglesa. Apreendo-a como alguém que terá gostos e comportamentos ingleses, segundo as minhas tipificações em relação aos ingleses. Quando finalmente conheço a pessoa inglesa pessoalmente, ela romperá com essa ideia tipificada, tornando-se alguém único e saindo do anonimato.

Percebemos então que a vida quotidiana é apreendida segundo várias tipificações que se vão tornando anónimas à medida que se afastam do aqui e agora.

3 – A Linguagem e o Conhecimento da Vida Quotidiana

A realidade vida quotidiana é possível graças às objetivações, destacando a significação, ou seja, a produção humana de sinais.

Estes sinais agrupam-se segundo sistemas, como o de sinais gesticulatórios, de movimentos corporais padronizados, etc. A linguagem, definida como sistema de sinais vocais, é o mais importante da sociedade humana. A linguagem permite comunicar significados que não são expressões diretas da subjetividade do aqui e agora. Acaba por ser, como diz o autor, “um repositório objetivo de vastas significações e experiências”.

A linguagem tem grande impacto nas relações face a face, visto que existe uma reciprocidade que a distingue dos outros sistemas de sinais. Sendo assim, os meus próprios significados subjetivos passam a ser objetivos.

Sendo um sistema de sinais, a linguagem tem a qualidade da objetividade. Como refere o exemplo do autor, não podemos falar inglês usando regras de sintaxe alemã, revelando que temos de entrar nos padrões da linguagem.

Percebemos então que a linguagem constrói símbolos, sendo que a linguagem e o simbolismo tornam-se fulcrais na vida quotidiana.

Vivemos num mundo de sinais e símbolos todos os dias.

É importante ainda reparar que existe um acervo social do conhecimento que é passado de geração em geração. Sendo assim, a minha interação com os outros é afetada participação no acervo social e da forma como apreendo o mundo.

O autor dá o exemplo de ser pobre. Enquanto os presentes na minha sociedade distinguem alguém pobre com base no conhecimento da sociedade, um estrangeiro pode ter dificuldade em apreendê-lo na minha sociedade, uma vez que ser pobre na sua sociedade pode ter dimensões diferentes.

Sendo assim, a participação no acervo social permite a “localização” dos indivíduos na sociedade.

É importante finalizar dizendo que há certas zonas da realidade social que ainda permanecem na sombra. Não podemos conhecer tudo o que há para conhecer, pelo que não partilhamos do mesmo conhecimento com todos os outros.